

HISTÓRIA OU LITERATURA? O CARÁTER ÉPICO DA BIOGRAFIA

Manoela Hoffmann Oliveira
manoela.hoffmann@gmail.com

RESUMO: A biografia é um gênero literário constituído por excelência no interior da ciência histórica. Pretendemos discutir este tema a partir de duas biografias, as de Trotsky e Ben Gurion, aproximando-as da tradição literária em que a História assume maior relevo: a épica.

PALAVRAS-CHAVE: Biografia; História; Épica

o. INTRODUÇÃO

Há quase dois mil anos, Plutarco descreveu concisamente as vidas de dezenas de sumidades políticas e militares do mundo antigo grego e romano. Vidas que, por serem notáveis, deveriam ser perenizadas. Porém, ao retrocedermos já ao antigo Oriente Médio, encontramos nos túmulos vestígios biográficos da vida de reis e faraós. Também as narrativas das sagas de heróis épicos entre celtas e germânicos contêm fortes traços biográficos. Do período medieval, destacam-se as biografias de heróis nacionais, de senhores feudais, de membros do clero e as hagiografias, as biografias de santos. Essas narrativas da vida de uma pessoa ou de um conjunto de pessoas tornou-se importante ferramenta no conhecimento não apenas de indivíduos particulares, mas da história de grupos inteiros,

através do entrelaçamento de histórias de vida e, conseqüentemente, dos aspectos sociais envolvidos.

Contudo, tornou-se corrente, atualmente, a percepção de que a biografia preencheria um lugar que a historiografia por si só não ocupa, aquele das “irrelevâncias” (principalmente na biografia jornalística onde há um excesso de detalhes) e, por meio delas, a individualidade seria realisticamente trazida à tona. Os detalhes pertencem às incontáveis minúcias do prosaico cotidiano e contribuem para dar vida a indivíduos tidos, até então, quase como fantásticos. Esta complexificação fez com que a biografia se aproximasse do romance.

A biografia está marcada, portanto, por duas características: por um lado, a ênfase no caráter épico da temática, que prioriza grandes ações e acontecimentos sociais num longo espaço de tempo, o que evidencia uma narrativa de intenção historiográfica; por outro, o eixo narrativo concentrado geralmente na vida de um único indivíduo.

Levando em conta estes dois pontos, o artigo propõe discutir, através da biografia dos líderes Ben Gurion (1886-1973) e Trotsky (1879-1940)¹, a afirmação do filósofo alemão F. Hegel (1770-1831), que diz considerar não existir uma aproximação, mas uma distinção ou, até mesmo, uma oposição entre a épica e a biografia.

1. A BIOGRAFIA COMO EPOPEIA

De acordo com Hegel, o acontecimento épico particular só pode alcançar a vitalidade poética se for possível amalgamá-lo do modo mais estrito em apenas um *único* indivíduo. Não é o mesmo o caso da biografia. Aqui os acontecimentos ligados ao indivíduo podem-se desprender de modo

1 Bar-Zohar, M. Michel. *Ben Gurion, O Profeta Armado (1886-1973)*; e Serge, Victor. *Trotsky – Vida e Morte*. Cf. Bibliografia no final.

independente e conservar o sujeito apenas como o seu ponto de ligação exterior e contingente. Não há a referida unidade entre o sujeito e o acontecimento objetivo (HEGEL, 2002).

A poesia épica, que tem nas epopeias homéricas suas representantes antigas e, no romance, as modernas, é entendida por Hegel como a forma artística mais completa quando se quer dar uma síntese do mundo social e seus indivíduos². Na épica, um elemento central é o que vem de encontro ao herói quando ele dirige-se à realização de seus desejos e fins (como no caso do retorno de Odisseu a Ítaca). O feito humano é transmitido como sendo condicionado pelo “enredo das circunstâncias”, que deve ter uma necessidade nos eventos e no acontecer (HEGEL, 2002:16). Mas o acontecer de uma ação que se move diante de nós só pode ser fruto da ação dos indivíduos (e seu sofrimento) e, neste aspecto, a épica iguala-se aos gêneros lírico e dramático (HEGEL, 2002:113).

A epopeia, contudo, não tem de descrever uma ação como ação, mas, sim, como acontecimento (HEGEL, 2002:115). O *acontecer* de uma ação é a tarefa da poesia épica, mas não se constitui apenas do lado exterior da execução de fins, justamente porque se deve conceder “às circunstâncias exteriores, aos eventos naturais e às outras contingências o mesmo direito que na ação, como tal, o interior reivindica exclusivamente para si” (HEGEL, 2002:110). Nos romances modernos, porém, a complexidade interior do indivíduo, embora mais subjetivamente concentrada, tendeu a ser esvaziada e desvinculada de *um si mesmo* unitário, já que cedeu, contraditoriamente, ao mundo circundante e penetrante.

O romance, por mostrar indivíduos a todo instante, em face da incerteza e da indeterminação do futuro, dos acasos, e da necessidade de suas escolhas, feitas em detrimento de outras, evidencia-nos trajetórias e

2 De acordo com Hegel, as “artes particulares” dividem-se, quanto aos meios expressivos, em arquitetura, escultura, pintura, poesia e música. A poesia, por sua vez, divide-se, seguindo a tradição aristotélica dos gêneros, em lírica, dramática e épica. Neste sentido, o romance (prosa) seria uma forma moderna da poesia épica.

caracteres em formação, não pré-determinados. Os biógrafos muito ganham em atentar para isso, evitando, assim, a chamada “ilusão biográfica”³, a qual, de uma perspectiva *post festum*, tende a imputar, de saída, um sentido às trajetórias dos indivíduos biografados.

É provável que Plutarco seja tomado por Hegel como típico representante do gênero. Os homens de Plutarco, na obra *Vidas Paralelas*, são figuras mítico-lendárias, reis, guerreiros, legisladores etc., e os acontecimentos centram-se em guerras, conquistas e estabelecimento de novas instituições sociais. As histórias têm, assim, diretamente, um traço épico, que transparece tanto nos caracteres das individualidades representadas quanto na trajetória narrada, cuja dimensão histórico-social alça o indivíduo à condição, por assim dizer, de indivíduo universal.

Plutarco inspira-se no historiador grego Tucídides e tem a preocupação de fornecer um retrato dinâmico, representativo e objetivo do acontecimento em que a ação do biografado é efetiva. Ao mesmo tempo, evoca origens lendárias, remontando a Homero. É por causa do acontecimento de estatura histórica que a vida do indivíduo em questão tem o mérito de ser grafada, isto é, para iluminar o passado e servir de parâmetro ao futuro. Em seu conjunto de dezenas de biografias, Plutarco segue basicamente a mesma sequência, uma ordem cronológica progressiva que inicia com a genealogia do biografado e termina com sua morte. Há, sem dúvida, digressões e antecipações de fatos futuros, mas o fito é sempre ressaltar o caráter heroico e *sui generis* do biografado⁴.

3 BOURDIEU, p. 1996.

4 No trecho inicial da biografia sobre Pirro, temos um exemplo tanto da digressão quanto da excepcionalidade (dádiva divina, no caso) como traço individual: “*Havia na fisionomia de Pirro certa majestade que inspirava mais medo que respeito [...], Acreditava-se que curava as doenças do baço sacrificando um galo branco [...] Também se conta que o grande artelho de seu pé direito possuía uma virtude divina, a ponto de, morto ele, perceber-se que nada sofrera das chamas que haviam consumido inteiramente o resto do seu corpo. Tais coisas, porém, aconteceram mais tarde*” (*Vidas Paralelas* III, p.12).

Ora, tomando apenas estas características gerais, as biografias de Plutarco não diferem muito das epopeias de Homero. Homero, porém, tem uma intenção agregativa de indivíduos, acontecimentos, ações e relações muito mais ampla. Plutarco faz o recorte muito claro de *uma* vida. O herói passivo da epopeia não é tão evidente, portanto, na biografia. Nesta, o personagem com uma individualidade complexa delineada nem sempre está presente, pois esse efeito só é possível na integração do indivíduo às circunstâncias, tão ricas e complexas como ele próprio. E aqui temos de concordar com Hegel quando diferencia a biografia da epopeia, o que significa afirmar que as biografias de Plutarco, apesar dos *motivos* épicos, não têm o caráter épico entranhado em sua constituição narrativa. São narrativas curtas e descritivas, como relatos, não propõem um complexo entrelaçamento do herói às múltiplas circunstâncias. Com isso, ficam eles mais “chapados” se comparados, por exemplo, ao Aquiles homérico ou aos heróis romanescos modernos, os quais são todos mostrados em suas relações, seu cotidiano, seus pensamentos e sentimentos.

Se circunstâncias exteriores e ação individual possuem na epopeia o mesmo estatuto de determinação, na biografia elas devem aparecer relativamente autônomas, ligando-se ao indivíduo de forma exterior – não integradas em sua origem e desenvolvimento. Na biografia, ainda segundo Hegel, o acontecimento desdobra-se por si mesmo, alijado da influência do indivíduo particular. Isso não significa, porém, que na épica o indivíduo gere por si só as circunstâncias: tal como na vida real, o indivíduo não é capaz de produzir ou controlar as circunstâncias em que irá agir. Se ação e circunstâncias têm o mesmo estatuto, parte-se da ideia de que são duas instâncias de vida – separadas na biografia, unidas na epopeia.

A relação entre as formas narrativas biográficas e épicas propõe ainda outras indagações, tais como as que conduzem à possibilidade de reconstituição da totalidade de uma vida. Ou, antes, se apreender a totalidade é realmente o objetivo da biografia (e do romance). A totalidade seria

entendida como toda a profundidade e/ou toda extensão da vida do biografado.

A pretensão de abarcar, ainda que *certa* totalidade, remeter-nos-á sempre ao problema do *sentido*. Qual é o sentido de narrar determinada trajetória, isto é, as ações e os acontecimentos ligados a uma pessoa? O que significa exatamente uma biografia dotada de um sentido? No que respeita ao conteúdo da narrativa, o sentido que a biografia e a épica querem dar é o mesmo?

Embora rompendo a continuidade que pretendemos estabelecer entre a biografia de determinadas individualidades e o caráter épico, é instrutivo notar que, já nos primórdios do romance moderno, inicia-se uma transformação que terá repercussão direta na biografia em sua forma clássica, a dos historiadores e hagiógrafos. *Tristram Shandy* (1759) pode ser considerado o primeiro romance moderno à medida que destaca a extrema fragmentação de uma biografia individual, sendo considerado o precursor do chamado “fluxo de consciência”. A narrativa é um diálogo entre o protagonista, o autor e o leitor. Diderot, contemporâneo de Sterne e influenciado por seus romances, também resolveu a moderna fragmentação do *eu* pelo uso do diálogo. Atrelados à impossibilidade de captar a essência do indivíduo, o “sentido” e a unidade de sua vida tornam-se, assim como em Sterne, ausentes na biografia, ainda que esta vise, por definição, estabelecer a evolução de uma vida.

A epicidade moderna estaria justamente no aspecto trágico da não realização da integralidade do caráter e da impossibilidade da existência de um sentido unitário para a vida. Dom Quixote, Wilhelm Meister e Lucien de Rubempré encontram-se em momentos históricos decisivos, de transições e grandes transformações sociais, mas não conseguem intervir enquanto *indivíduos*; estão desajustados e descompassados (independentemente do final feliz ou infeliz do herói na história). O traço épico da trajetória e da individualidade dos heróis resta somente no caráter trágico da impossibilidade da integração social harmoniosa, coerente

e fiel aos anseios do herói, isto é, enriquecedora de sua individualidade. Não há uma experiência individual realizadora e plena de sentido como nas antigas epopeias. Os heróis não se coadunam com o mundo social existente e, frequentemente, seus traços transmutam-se negativamente, como os traços vaidosos e imediatistas de Lucien ou os ímpetos agressivos e assassinos de Raskolnikov.

Para nossas finalidades, basta ressaltar que, embora o protagonista não seja mais o pivô do destino social, a construção narrativa dos romances acontece em torno da relação do indivíduo e o meio social mais amplo, e em torno disso está o misterioso sentido do romance, da vida do herói. A biografia de cunho épico está perfeitamente associada a esta tradição.

Na contramão do romance moderno, que no século xx aprofunda-se no subjetivismo lírico, a biografia de caráter épico mantém a continuidade com o realismo do gênero romanesco e biográfico, no qual a forma de expressão objetiva da personalidade e a vida interior do biografado são, em igual medida, evidenciadas. Biografias em que ações e interioridade do biografado estão separadas, de modo que apenas os movimentos subjetivos de certa personalidade histórica são explicitados, mas não os eventos em que participou; tendem a ser bastante ficcionalizadas, tentando recriar, até mesmo, pensamentos e impressões íntimas.

2. AS BIOGRAFIAS ÉPICAS DE TROTSKY E BEN GURION

Quais foram os feitos heroicos de Ben Gurion e de Trotsky? Primeiramente, o feito heroico não se resume a um ato, mas, ao contrário, constrói-se na sucessão dos acontecimentos. Porém, ainda que o biógrafo tente “situar os pequenos acontecimentos, os grandes momentos, as situações, os acontecimentos decisivos, todos os detalhes que compõem a imagem da História”, sabe que sua tentativa resta frustrada quando tenta responder à pergunta: *como era ele? De que textura era construído este homem, no*

que consistia sua força de atração, de onde vinha seu domínio sobre o interlocutor ou sobre uma massa numerosa, como chegara ele a convencer, a forçar seu destino a realizar suas finalidades e a enquadrar os outros em seus esquemas? (ZOHAR, 1968:12).

No mesmo sentido, chama-nos a atenção Serge, quando diz sobre Trotsky: *“Este livro conta a história de um homem e não a da Revolução Russa. Acontece que o homem está a tal ponto inserido no acontecimento que é dele inseparável. Muitas vezes, parece ser seu porta-voz, seu instrumento consciente, com pleno consentimento. É um condutor de massas. Sem dúvida. Mas ele só o é porque compreende as massas, porque traduz suas aspirações, sua vontade, numa linguagem de ideias e de ação, de onde vem essa sua preeminência?”* (SERGE, 1992:60).

Para Serge, a resposta é que seu biografado tinha certas capacidades das quais “ele não saberia fazer, desde a adolescência, nenhum uso individualista (...). Ambiciona o poder? Para os soviéticos dos operários, dos soldados e dos camponeses, sim.” (SERGE, 1992:60)

E o que dizer, então, de Ben Gurion, este que, do início ao fim de sua vida, dedicou-se completamente ao grandioso acontecimento do nascimento e estabelecimento de um Estado nacional judeu?

Sabemos, contudo (e sem falar em discrepâncias ou superavaliação qualitativa de certos princípios e ideais em detrimento de outros) que, embora Trotsky e Ben Gurion lutassem por uma nação, russa e judaica, respectivamente, o comunismo é muito mais ambicioso quanto à abrangência e universalidade humanas de sua causa, a qual não é tarefa de uma só geração, muito menos de um único homem. Por outro lado, de acordo com sua biografia, o nascimento e a consolidação de Israel em poucas décadas foram obras diretas, pode-se afirmar, do esforço de Ben Gurion.

Trotsky era um tipo de revolucionário que, como toda uma geração revolucionária russa que se vinha formando desde 1860, fora levado pela “grande ‘ambição’ impessoal de fazer a revolução, de começar a transformação do mundo”; para tanto, “negavam os velhos valores e afirmavam a

consciência racional e do dever social” (SERGE, 1992:61)⁵. Até certo ponto da História, a biografia de Trotsky implica um íntimo entrelaçamento do protagonista com os acontecimentos, nos quais ele não pode conservar-se apenas como o “seu ponto de ligação exterior e contingente” (SERGE, 1992:61). Neste sentido, essa biografia apresenta um caráter épico, mesmo segundo a definição hegeliana.

O destino destes dois homens teve um sentido comum: a queda após a ascensão. Porém, muito mais tragicamente que Ben Gurion (cuja queda foi apenas pessoal, no plano político, não tendo havido a destruição de seu sonho, tornado realidade), o qual vemos no fim da vida ainda bem humorado (ele morre em 1973, aos 87 anos), Trotsky morrerá assassinado aos 60 anos (1940) e toda sua geração termina precoce e violentamente ceifada entre 1936-1937, fuzilada nos porões do edifício Lubianka, fase também conhecida como *o Grande Expurgo*.

Ambos russos e judeus de classe média, Ben Gurion e Trotsky têm o que se chama uma “causa” de vida, respectivamente: a emancipação política do povo judeu e a emancipação humana, começando pela Rússia. A primeira realizou-se com bom sucesso, ainda que, na maior parte de sua existência, tenha estado sempre em situação de guerra contra os palestinos pelo território que consideram *seu* território. A segunda declinou rapidamente após a morte, em 1924, de seu maior artífice, Lênin.

Ben Gurion morre depois de uma longa vida, conformado com o repúdio que sofrera no fim de sua carreira política. Afinal, a causa por excelência, coletiva e tida como longínquo ideal de um povo, pelo qual lutara toda a vida, tornara-se realidade. Pelo seu esforço prático de mobilização do meio judaico⁶ e por suas iniciativas estratégicas – como manter

5 Nesta época, o marxismo lhes inspirava mais pela redução do “papel do indivíduo na História” e, paralela e conseqüentemente, pela intensificação do papel pessoal (da personalidade) “no seio das massas, com as massas” (SERGE, 1992:61).

6 Neste ponto, devemos mencionar que Golda Meir foi, ao lado de Ben Gurion, a grande articuladora da promoção do estado judaico no meio internacional.

constante e intenso o fluxo migratório para a região (ainda que clandestina e ilegalmente) e construir um exército nacional muito antes de ser reconhecida como nação – nasce finalmente Israel.

Após estar ao lado de Lênin na Revolução Russa, após ter sido um forte e eficiente líder em inúmeras ocasiões decisivas e, juntamente com outros, ter arquitetado o Exército Vermelho para manter firme a posição conquistada, ao mesmo tempo em que escrevia suas obras, Trotsky viveu um terço da sua vida exilado da URSS, constantemente perseguido e sem ação diante das sucessivas atrocidades de Stalin – o maior inimigo, não apenas seu, como da sua geração revolucionária e, antes de tudo, da própria revolução socialista (embora, também, provindo de seu seio). Trotsky morre assassinado aos 60 anos de idade (1940), lutando e escrevendo, incansavelmente.

É o próprio Lev Davidovitch que se intitula *Trotsky* para preencher o passaporte de sua fuga da prisão. Toma o nome de um carcereiro, que significa, “por acaso”, se derivado do alemão *Trotz*, “obstinação, resistência, desafio” (SERGE, 1992:15).

Assim como Lev Davidovitch, Davi Grun também adota em sua trajetória um nome de guerra, pleno de simbolismo – Ben Gurion é o nome de um dos últimos defensores de Jerusalém contra as legiões romanas, indicando que a história dos judeus na Palestina deve ser vista como continuação direta da história do povo de Israel de vinte séculos atrás.

3. CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA

As duas biografias começam pelo contexto histórico mais amplo e os antecedentes familiares dos biografados, o meio em que crescem, sua adolescência ativa e militante, de precoce personalidade “guerreira” – constituída dos atributos de coragem, ousadia, altruísmo, atividade excepcional, combatividade, firmeza e convicção. Ao longo das narrativas, permea-

das também de pequenos fatos exemplares, que servem quase como o sustentáculo daquelas vidas e de seus caracteres, somos constantemente remetidos a levar em conta a estatura daquelas existências, para que nos acontecimentos decisivos consigamos referenciar aqueles indivíduos em todas as outras dimensões supra-individuais. É assim que ficamos sabendo que Ben Gurion e Trotsky eram homens simples e disciplinados, que não expressavam suas emoções nem mesmo em seus diários, que Trotsky tinha náuseas de tanta excitação nos primeiros anos em que falava em público, que Ben Gurion “pensava e decidia só” etc.

A biografia de Ben Gurion pretendeu-se mais detalhada e ambiciosa, embora se admitindo, de saída, que “uma coisa dificilmente terá resposta: como era ele? De que textura era construído este homem, no que consistia sua força de atração (...)? Este não é o Ben Gurion impessoal que será redescoberto nos documentos oficiais. Não será o Ben Gurion que emerge das atas e das mudanças históricas. É o Ben Gurion brilhante e vibrante, de uma personalidade incomum, dirigido à sua finalidade, capaz de conseguir o impossível. É este o David Ben Gurion, o lutador, construtor e soldado, mas, também, o homem vivente, presente, que eu vou descrever” (ZOHAR, 1968:13).

Irá descrever, em suma, um indivíduo extraordinário.

Serge, ao contrário, afirmou: “*não quis de modo algum comentar suas ideias e sua vida, nem emitir juízos sobre os acontecimentos históricos. Digo simplesmente: ‘eis o homem – era assim, pensava, disse e escreveu isto, fez aquilo, aconteceu-lhe isto’. Desse modo, preocupei-me apenas com a exatidão da narrativa*” (SERGE, capa, 1992).

Eis o homem. Esta explicação é fundamental e define a própria maneira com que Serge constrói sua biografia, antes mostrando o caráter do biografado pelas atitudes nos momentos-chaves (aqueles de urgência social) que por sua exaltação prévia e constante, como é a tendência de Zohar, que mantém latente e pontuado o caráter “desde sempre” guerreiro-

ro e altruísta de Ben Gurion. Serge, embora mais contido, igualmente não pôde furtar-se a buscar tais traços heroicos também em Trotsky. Porém, somente no capítulo II nos é apresentado o perfil do biografado, no item denominado “Retrato de Trotsky”, depois que o biógrafo já narrou longamente toda sua juventude e trajetória de lutas, prisões e proselitismo.

Cabe explicar, entretanto, que devemos levar em conta que o próprio Ben Gurion interfere na narrativa biográfica à medida que confere um sentido à própria vida (como um “*récit de vie*”, em que o traço autobiográfico é reforçado), às suas atitudes e dilemas, à luz daquele que conhece e vive no presente o que era, então, o futuro. Em Trotsky, esta via é vetada. Ambos os autores assumem, independente disso, a versão e o ângulo dos acontecimentos de seus biografados, mas cada qual tem sua maneira de concordar com eles.

Jornalista, Bar-Zohar comenta que passou dezoito meses com o biografado “tentando captar o mistério deste homem, o segredo de seu poder, seu *élan*, de sua força mágica” (ZOHAR, 1968:II), antecipando-nos que foram tais atributos que fizeram com que o Estado de Israel se tornasse possível. Enquanto judeu, o jornalista manifestamente corrobora a visão de Ben Gurion quanto à história e aos direitos dos judeus: os descendentes de um povo exilado por mais de 2000 anos de seu território original, disperso e oprimido por todas as nações em todos os tempos, deveriam voltar à região que supõem, com base num fundamento religioso, pertencer-lhes e ali construir um Estado próprio e independente.

Contemporâneo e conterrâneo de Trotsky, Serge, apenas onze anos mais velho que ele, é um operário da revolução russa, em nome da qual Trotsky viveu e morreu. Intelectual e militante, morreu também perseguido e exilado no México, sete anos após a morte de Trotsky.

Na narração biográfica de ambos os autores temos articulados os caracteres e atitudes do biografado em meio à descrição dos acontecimentos em que participaram ou tiveram influência. Da mesma forma que a epopeia e seu herói central, na biografia tudo é narrado da perspectiva

do biografado. Uma diferença, contudo, está no material utilizado. Vejamos em que medida eles podem aproximar ou distanciar as biografias da literatura épica.

A natureza dos materiais conduz à questão da ação: o lugar ativo dos indivíduos⁷. Apesar de mobilizar para a formação desse *corpus* uma vasta pesquisa documental que extrapola a vida estrita do biografado, uma biografia não se faz, geralmente, a partir de supostos externos, mas apenas do ponto de vista daqueles que são biografados, selecionando sob esse ângulo os acontecimentos, a sequência dos mesmos e as relações entre eles – pois reconstituir uma vida é constituir o mundo narrativo através das relações entre as pessoas. Na coerência e nos pontos de vista unívocos, porém, é que a ilusão biográfica pode residir, isto é, exatamente na unidade que se tenta atribuir à vida biografada. No caso de “personagens” históricos, a ilusão é dificultada à medida que o biógrafo é quase sempre *obrigado* a nos fornecer uma visão “objetiva” dos fatos, ou seja, não dando exclusividade ao relato do indivíduo, que muitas vezes apenas reage aos acontecimentos.

Com 80 anos de idade na época em que sua biografia foi escrita, isto é, em 1966, Ben Gurion abriu todos os seus arquivos e diários, confiou ao biógrafo todos os segredos, à exceção de dois guardados a sete chaves (o caso Lavon e a operação Suez, segredos políticos altamente blindados). Bar-Zohar aproveita o convívio com Ben Gurion para esclarecer todos os pontos obscuros. Garantindo não apenas a probidade dos relatos, mas também sua abrangência, totalidade e sentido, o biógrafo revela:

“Ele respondera a meu questionário sem jamais se esquivar ou sem tentar evitar assuntos ligados a dolorosas recordações. Com plena confiança, ele me abriu seus arquivos, confiou-me seus segredos mais íntimos, sem nada esconder, sem tentar esconder episódios de sua epopeia” (ZOHAR, 1968:11).

7 Como constatam Kmar Bendana, Katia Boissevain e Delphine Cavallo.

Compõem ainda o quadro documental os artigos escritos para a imprensa, correspondências e entrevistas com Ben Gurion, com seus partidários e adversários. Como bom jornalista, Bar-Zohar busca cercar-se de diversas fontes: arquivos de todos os tipos, artigos que Ben Gurion escreveu ao longo dos anos, correspondências, relatórios. Nas correspondências, o biógrafo de Ben Gurion capta os movimentos de relações importantes, desde colaboradores mais próximos até chefes de Estado, buscando, também desta forma, “reconstituir a atitude” do biografado em inúmeras ocasiões. O jornalista vale-se ainda de uma significativa lista bibliográfica sobre os fatos históricos do período, seus personagens e, claro, sobre Ben Gurion – criticando suas biografias anteriores (uma por seu caráter anedótico, outra por escassa documentação, outra por ser demasiado sumária etc.). O uso de diários é também procedimento muito frequente de Bar-Zohar, embora de maneira muito mais ampla e diversificada, posto que utiliza não apenas os do próprio Ben Gurion, mas também os de muitos outros homens envolvidos direta ou indiretamente com ele e/ou com os acontecimentos. Os diários de Ben Gurion registram tanto as movimentações políticas, militares, quanto o cotidiano doméstico e íntimo (embora rarissimamente seus sentimentos sobre eles).

Diferentemente de Bar-Zohar, Serge é o primeiro biógrafo de Trotsky e escreveu sua biografia num momento em que o biografado já morreria. Amparado por numerosos documentos, Serge arrola, em primeiro lugar, as obras de Trotsky (tão vastas que ocupariam uns 50 volumes), ao lado da inestimável e pronta ajuda encontrada em Natália Sedov Trotsky. Diz ele: “*Seus apontamentos e recordações me permitiram completar o que não se podia conhecer a não ser imperfeitamente*”, posto que, na qualidade de esposa, coube a ela descrever o cotidiano prosaico daquela “vida heroica” (SERGE, 1992:296), dando substância viva – o que sempre se busca na biografia – ao homem ícone. Serge, como contemporâneo e companheiro de lutas de Trotsky, utiliza diversos materiais sobre a época, inclusive valendo-se de suas recordações para detalhar vários fatos.

Apesar de não extrair depoimentos, o autor utiliza largamente os diários de Natália, conseguindo, com isso, captar ângulos não presentes em outros materiais. Os trechos narrados pela voz de Natália são muito mais reiterados que as referências do próprio Trotsky ou que quaisquer outras. Talvez porque “indicar os aspectos principais da atividade de Trotsky, assim como as linhas mestras de seu pensamento” bastasse para o intuito do autor: tentar “traçar neste livro o retrato de um homem e fazer a narrativa verídica, se bem que demasiado resumida, de sua vida” (SERGE: 1992).

A biografia de Trotsky é curta, atém-se de forma breve e objetiva aos momentos principais, sempre ligados aos movimentos mais amplos de seu tempo. Talvez, por isso, a ênfase nos diários de recordações, bastante descritivos do cotidiano e de suas impressões dele, assumam tão forte tonalidade épica. Apesar da eloquência de Bar-Zohar, sua biografia ainda permanece superficialmente atada. Se Serge constrói o herói épico sem o pretender, Zohar confere o caráter épico de forma forçada e menos convincente. Na verdade, fica patente que a trajetória de ambos não depende de sua narrativa para ser efetivamente épica. Embora o tom épico não esteja presente na intimidade, ele manifesta-se no realce do heroísmo das atitudes em face da grandiosidade das circunstâncias, resultando numa trajetória épica.

É interessante notar, neste ponto, que a situação de isolamento e exílio de Trotsky tornou-o mais propenso a reflexões interiores sobre sua própria vida, a qual parecia beirar o absurdo. Mas, mesmo nestas reflexões, são muito fortes e sólidas as conexões com as circunstâncias gerais, sem as quais sua vida não faria sentido; razão pela qual suas anotações pessoais são, antes do mais, estudos sobre o atual estado de coisas de sua época e da Revolução Russa.

Nos diários de Trotsky e Ben Gurion o relato das experiências íntimas do vivido não estão presentes, não sendo, então, reveladores. Seus diários não confessam aquele “*em si mesmo*” que costuma habitar os diários: estes homens não agem para si mesmos, por que deveriam pensar

em/sobre si mesmos? Serge diz de Trotsky que “a unidade da sua vida interior e da sua atividade formava um todo” (SERGE, 1992: 30). Estes documentos servem muito bem, outrossim, para nos dar a visão objetiva dos fatos e a análise dos acontecimentos que geraram ações decisivas e emblemáticas, dos quais o autor se vale para encontrar “as descrições mais exatas de inúmeras conversações, ações e acontecimentos, descrições onde a exatidão e a autenticidade foram confirmadas por minhas verificações posteriores” (SERGE, 1992: 16).

Dando voz ao biografado, será ele que conferirá sentido à sua própria história, fazendo prevalecer sua interpretação. Serge não pode recorrer às narrativas de vida, entrevistando seu biografado, mas recorre aos escritos autobiográficos de Trotsky⁸, bem como aos incontáveis artigos e escritos sobre o que acontecia à Rússia e à Revolução naqueles anos stalinistas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da definição hegeliana do gênero épico e de suas diferenças em relação à biografia, ressaltamos dois aspectos: primeiro, o *sentido épico*, segundo, a *forma de construí-lo*. Concordamos com Hegel em relação à construção da biografia de Trotsky (porém, para nós isto se deve à trajetória particular do biografado e não à forma narrativa biográfica), e o questionamos com relação à biografia de Ben Gurion, cujo autor, a todo momento, evidencia o protagonista em íntima relação com as circunstâncias histórico-sociais, insistindo no caráter decisivo de suas ações para todo um povo.

Ao narrar uma vida, a biografia tem de lidar com as diversas dimensões das relações sociais, o que inclui manejar tanto a excepcionalidade

8 Notadamente o texto *Minha Vida*, de 1930.

como a exemplaridade do indivíduo biografado⁹. Centrada num indivíduo ou em vários, a biografia supõe que “a vida em toda sua amplitude guarda um potencial de conhecimento e explicação da sociedade”¹⁰. Posição similar ao do gênero épico, que expressa, mais que outros gêneros literários, a amplitude e a complexidade das relações sociais envolvidas na narrativa.

Observando como foram realizadas as biografias de Trotsky e Ben Gurion, buscando congruências e disparidades segundo a particularidade da vida em destaque, tivemos o propósito de compreender se alguma delas conseguiu imprimir à obra o caráter épico clássico tal como o define Hegel – mas que ele não considerou possível, em toda riqueza, na biografia.

No que diz respeito à intenção dos autores, a afirmação hegeliana sobre a biografia é válida em maior medida para a biografia de Trotsky e menos para a de Ben Gurion porque, uma vez aludida a participação decisiva dos dois em seus respectivos contextos, Ben Gurion exerce uma influência marcadamente forte sobre as circunstâncias determinantes de seu meio e de sua própria vida. Já Trotsky, também decisivo até um momento, tornou-se posteriormente refém das circunstâncias. Ainda assim, sua vida possuiu um sentido épico que teve de transparecer em sua biografia.

Deve-se reconhecer, portanto, que, para diferentes trajetórias, diferentes necessidades formais e expressivas impõem-se à narrativa biográfica. Assim, certamente não encontramos em todas as biografias contemporâneas os traços épicos clássicos (nem na individualidade, nem nas circunstâncias e, por extensão, nem na construção narrativa).

Podemos dizer que as trajetórias, histórias, destinos, sentido e unidade das vidas de Trotsky e Ben Gurion conduziram naturalmente suas

9 Cf. K. Bendana, K. Boissevain e D. Cavallo.

10 Id., p.12.

biografias rumo à narrativa substancialmente épica. Por mais que seus materiais e objetivos difiram (o que não acontece radicalmente), os biógrafos têm a clara intenção de ligar aos protagonistas os acontecimentos importantes nos quais aqueles influíram. Em relação a Bar-Zohar, Serge apresenta a vida de seu biografado com maior discernimento, com empolgação menos excessiva e sem aqueles indícios que nos fazem desconfiar da plausibilidade dos fatos.

Afinal, os acontecimentos são narrados nestas biografias apartados dos biografados, como diz Hegel? Pelos comentários feitos até aqui, é possível entrever que, de modo geral, isso não acontece. Os autores buscam amalgamar os biografados em seus amplos contextos sociais e políticos, nacionais e internacionais. E amalgamar pode significar, até mesmo, a apresentação de acontecimentos paralelos aos suscitados pelo campo de influência do protagonista, “separados” dele, mas que constituem sua história e seu destino. E *amalgama* significa também, claro, demonstrar num único indivíduo, prioritariamente por meio de suas ações e personalidade, matizes sociais diversos, capazes de abranger uma totalidade de acontecimentos em suas várias dimensões sociais e individuais. Parte-se do pressuposto da *relação* entre indivíduo e sociedade, o indivíduo como um ser social, e não de sua separação ou mesmo oposição (como pode facilmente ser o caso de biografias e romances modernos que se aprofundaram na subjetividade em detrimento da objetividade exterior da vida social). A biografia é necessariamente a reconstituição de uma vida e/em seu meio.

A biografia de uma pessoa de decisiva ação histórica tem necessariamente um caráter épico? Respondemos que a biografia não tem necessariamente, por si mesma, tal epicidade. É preciso construí-la, como fez explicitamente o biógrafo de Ben Gurion, seguindo a tradição literária épica. Trotsky, exatamente por ter sido alijado do processo social em curso, teve sua vida narrada paralelamente aos acontecimentos que lhe eram contemporâneos. Sua biografia não pode atrelar a ele as circunstâncias sociais de modo tão íntimo, ainda que ele estivesse profundamente en-

volvido nas mesmas, e é também por este importante aspecto particular, a saber, o alijamento do indivíduo de suas relações sociais, que a biografia de Trotsky aproxima-se das epopeias modernas. A discussão reside-se, então, em determinar se as vidas de Trotsky e Ben Gurion (sempre segundo suas biografias) têm características épicas, as quais, por indicarem perspectivas distintas, representam diferentes tradições romanescas.

Na construção da biografia épica, o material utilizado deve ser considerado. Assim, se nos séculos I-II Plutarco apenas reuniu os esparsos relatos sobre seus biografados para registrar suas vidas, no século XX a biografia é capaz de integrar uma multiplicidade de circunstâncias exteriores e impressões interiores por meio de documentos produzidos inclusive pelo próprio biografado, no caso de Trotsky e de Ben Gurion. Este procedimento é tanto mais importante quanto maior for a repercussão histórica concreta de suas ações sobre a vida social. E aqui temos mais uma crucial semelhança entre a biografia de cunho épico e a epopeia: a personalidade do biografado, como acontece nas epopeias antigas e modernas, mostra-se pelas ações e infinitude de circunstâncias em que o herói está envolvido, o que está em correspondência direta com sua riqueza interior.

Por fim, podemos lançar uma última questão: os mesmos fatos históricos dariam, em outro gênero de narrativa, o equivalente peso heroico épico a estes homens, de importância decisiva em seus tempos? Curiosamente, dois exemplos não biográficos mostram que não. *O Ano 1 da Revolução Russa* (1930), por sinal também do historiador Victor Serge, obviamente cita Trotsky em muitos momentos, mas não deixa transparecer sua influência determinante nos inúmeros acontecimentos narrados. Vista de outro ângulo, por mais decisiva que tenha sido, sua epopeia não basta para dar conta de “oferecer um quadro verídico, vivo e racional das primeiras lutas da revolução socialista russa” (SERGE, 1993:15). No estudo sociológico *Sociedade Israelense* (1965) de S.N. Eisenstadt, Ben Gurion fica ainda mais imerso e indistinguível no turbilhão de descrições e análises sistemáticas (da estratificação social, das instituições, da cultura) que vão

desde a consideração do “fundo histórico” (a partir de 1880) até a análise detalhada da “estrutura social emergente” do Estado nascente.

É possível argumentar que nem sempre os indivíduos (reais) biografados forneceram o material necessário para atender as exigências do gênero, tendo de vir à tona a fantasia literária do biógrafo (mesclado às suas especialidades de historiador, sociólogo, psicólogo, etnólogo etc.). Os melhores biógrafos acabam por reunir especialidades que, na Modernidade, separamos ou, por vezes, distinguimos em científicos e artísticos. Quando se trata da pretensão de escrever uma vida concreta, a trajetória de um indivíduo real, em vez de nos atermos aos problemas surgidos quando partimos da cisão entre ciência (história) e arte (literatura), tais como o da *verdade* da narrativa, é mais razoável que aceitemos que as diferentes áreas enriquecem-se ao mesclar suas técnicas, seus métodos e assuntos, tendo ambas, como objeto e inspiração, o mundo humano.

Embora na modernidade o gênero biográfico tenha assumido variadas formas literárias (acompanhando as tendências da épica moderna) e tenha sido apropriado por diversas áreas do conhecimento, manteve-se contínua e sólida sua vertente histórica tradicional, isto é, a épica. Procuramos evidenciar neste artigo, por meio de duas biografias exemplares justamente no que tange ao enlaçamento da vida individual às circunstâncias histórico-sociais, como se manteve forte e mesmo atualizou-se, como pudemos observar inclusive na construção narrativa das referidas biografias, esse importante ramo da tradição biográfica que remonta à Antiguidade e que tem em Plutarco, biógrafo de gregos e romanos notáveis, um divisor de águas.

BIBLIOGRAFIA

- BAR-ZOHAR, M. Ben Gurion. *O Profeta Armado (1886-1973)*. São Paulo: Senzala, 1968.
- BENDANA, K., BOISSEVAIN, K., CAVALO, D. Biographies et récits de vie: démarches croisées et histoires multiples. In *Alfa Magreb et Sciences Sociales*: Tunis, 2005.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: M.M. FERREIRA E J. AMADO (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- EISENSTADT, M. *Sociedade Israelense*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- HEGEL, G. W. F. *Cursos de Estética*. São Paulo: Edusp, 4 vols., 1999-2002.
- LEVI, G. Os usos da biografia. In M.M. FERREIRA E J. AMADO (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- PLUTARCO. *Vidas Paralelas*. São Paulo: Paumape, 5 vols, 1991.
- SERGE, V. *Trotsky – Vida e Morte*. São Paulo: Ensaio, 1992.
- _____. *O Ano I da Revolução Russa*. São Paulo: Ensaio, 1993.

ABSTRACT: Biography is a genre which must be considered both in History and in Literature. We intend to discuss this subject on the basis of the biographies of Trotsky and Ben Gurion, approaching the literary tradition in which History is more important: the epic.

KEYWORDS: Biography; History; Epic